

- 9

Tribuna. Românica. Séc. XII-XIII. Galeria dos Caminhos de Santiago, que durante séculos conduziram peregrinos do Cristianismo ao porto de partida para a construção de Santiago de Compostela, que nasceu com vocação de Cidade Santa e Património da Humanidade. Hoje, após mil anos de existência vividos ao ritmo da extraordinária história compostelana, a Catedral forma um conjunto de 10.000 metros quadrados, capazes de recompensar com seu potente espiritualismo e com a sua beleza aos visitantes do mundo.

Breve história
- 10

Altar-Mor, Camarim e Relíquias. Barroco. Séc. XVIII. O conjunto compreende o altar-mor, o badilquino que o cobre, o camarim e o Apóstolo e a cripta inferior com as santas relíquias.
- 11

Fachada das Pratairas. Românica. Séc. XII. A mais antiga das fachadas conservadas simboliza a Redenção com cenas da vida de Jesus.
- 12

Torres do claustro. Séc. XVIII. Torres piramidais ou escalonadas conhecidas como a Torre da Vela e do Tesouro.
- 13

Torre do Relógio. Séc. XIV-XVII. Recebe o nome de 'Berenquela' devido ao arcebispo Berenguel de Landóira, que a ergueu no séc. XIV. Conserva a base medieval. O arquitecto Domingo de Andrade ergueu-a em 1680 atingindo 73 metros. Albergou o maior sino da Catedral, que pesa 6.433 quilos.
- 14

Fachada Este. Barroca. Séc. XVIII. Sobre a Praça da Quintana temos a Porta Santa, que abre somente durante os Anos Santos.
- 15

Cúpula do cruzêiro. Barroco. Séc. XVII. No interior alcança 32 m de altura.
- 16

Fachada da Abochinchata. Neo-clássica. Séc. XVIII. Nas beiras do Caminho de Santiago, foi assentamento de artesãos de Martinho Pirátiel.
- 17

Telhados. Os telhados escalonados de granito da Catedral, a 30 m sobre a Praça do Obradoiro, podem-se visitar subindo pelo Pazo de Xelmírez.

Fachada do Obradoiro

- 1

Escada de duplo lanço. Renascentista, 1616. Obra de Ginés Martínez.
- 2

Entrada da cripta. Séc. XII-XIII. **Românica.** Dedicada a Santiago Alfeu, foi construída pelo Mestre Mateu para sustentar o Pórtico da Glória e salvar um grande desnível de 12 metros entre a cabeça e os pés da catedral.
- 3

Átrio de acesso ao interior.
- 4

Figuras representadas na balconada: Santa Susana, co-padroeira da cidade, e S. João Evangelista; Santa Bárbara e Santiago Alfeu (O Menor).
- 5

Fachada-espelho. Barroca. Séc. XVII-XVIII. Levantada ante o Pórtico da Glória, forma um tríptico ou retábulo dedicado ao Apóstolo. Nele duas filas de colunas gigantes flanqueiam o 'espelho', a maior vidraça de antes da Revolução Industrial, que respeita a forma do anterior rosetão. O conjunto caracteriza-se pelo contraste de volumes e a riqueza decorativa, que inclui placas geométricas, elementos curvos, volutas, cilindros, escudos e conchas.
- 6

Zebedeu e Maria Salomé, pais dos apóstolos Santiago e João.
- 7

Atanásio e Teodoro, discípulos de Santiago e portadores das suas relíquias até à Galiza.

- 8

Urna de Santiago, coroada pela estrela que guiou o ermitão Paio até ao sepulcro.
- 9

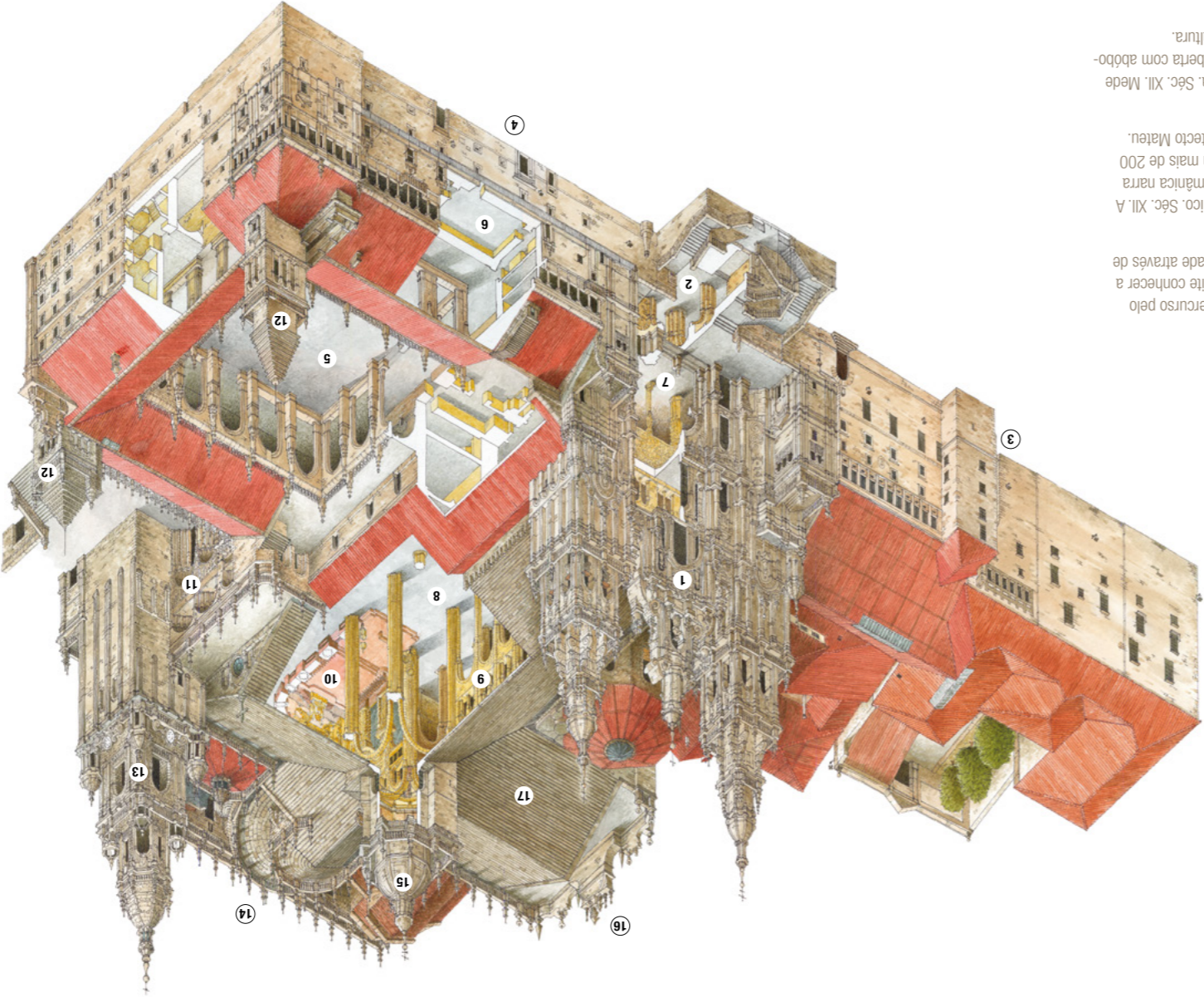
Santiago Peregrino. Barroco. Colocado em 1750 como remate da grande fachada, veste chapéu, pelerine e cajado. A seus pés, reis espanhóis.
- 10

Cruzes de Santiago, ao mesmo tempo cruz e espada florida.
- 11

Corpo original das torres. Pertenceram à fachada românica original e eram torres de diferente altura.
- 12

Torre dos Sinos. Barroca. Séc. XVII-XVIII. Os 74 metros de altura das torres foram atingidos em 1747, quando o arquitecto Casas e Novoa, continuando a remodelação que teve início em 1670 por Peña de Toro, acrescentou os elegantes remates barrocos de corpos ascendentes, decorados com balastradas, pináculos e bolas.
- 13

Torre da Carraca, construída por Domingo de Andrade e é gêmea da outra torre. O seu nome procede do instrumento de madeira que porta, utilizado para avisar para a Missa durante Semana Santa.

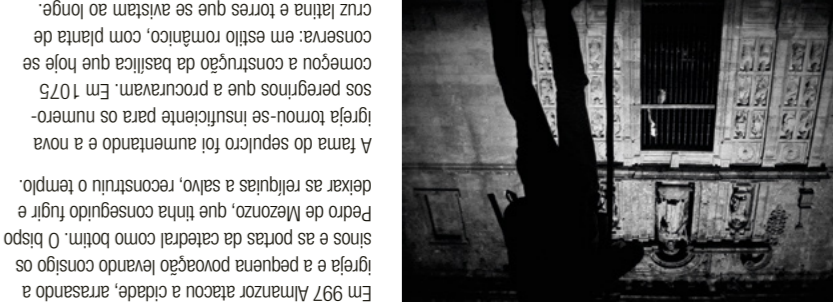


PT.

Catedral de Santiago de Compostela



Ilustrações: Isidoro González-Azailid



A Catedral de Santiago de Compostela é a obra mais importante do românico em Espanha. E também a meta final de todos os Caminhos de Santiago, que durante séculos conduziram peregrinos do Cristianismo ao porto de partida para a construção de Santiago de Compostela, que nasceu com vocação de Cidade Santa e Património da Humanidade.

Nos séculos posteriores na basílica foram introduzidas melhorias, tais como o Panteão Real em 1238, o claustro gótico e as torres defensivas. Em pleno Renascimento, o bispo Alonso III Fonseca ordenou a construção do actual claustro. Entre 1668 e 1688 o Mestre Mateu resolveu os problemas de desnível do terreno e acabou a fachada oeste com uma obra-prima, o Pórtico da Glória. Em 1211 a Catedral foi finalmente consagrada.

A fama do sepulcro foi aumentando e a nova igreja tornou-se insuportável para os numero-sos peregrinos que a procuravam. Em 1075 começou a construção da basílica que hoje se conserva: em estilo românico, com planta de cruz latina e torres que se avistam ao longe. Entre 1668 e 1688 o Mestre Mateu resolveu os problemas de desnível do terreno e acabou a fachada oeste com uma obra-prima, o Pórtico da Glória. Em 1211 a Catedral foi finalmente consagrada.

Segundo o batidigo, um ermitão chamado Paio descobriu o sepulcro do apóstolo Santiago em 814, oculto nos bosques de Libredou. O rei Afonso II ordenou a construção de uma pequena igreja junto ao templo romano encontrado e, ao estender-se a notícia por Europa, numerosos crentes começaram a peregrinar para ver a reliquia. O rei Afonso III mandou construir um templo de maiores proporções que foi consagrado em 899. Ao redor a cidade actual. assentamento que daria lugar a cidade actual.

- 1

Fachada do Obradoiro. Barroca. Séc. XVIII.
- 2

Cripta. Românica. Séc. XII.
- 3

Palácio de Xelmírez. Românico-Gótico. Séc. XII e seguintes. A sede do Arcebispo encerra um magnífico palácio medieval que se pode visitar.
- 4

Fachada do claustro da Catedral. Renascentista. Séc. XVI-XVII.
- 5

Claustro. Gótico- renascentista. Séc. XVI-XVII. Só é visitável com a entrada do museu.



Vista general

- 6

Museu Catedralício. O percurso pelo claustro e suas salas permite conhecer a história da Catedral e a cidade através de valiosíssimas exposições.
- 7

Pórtico da Glória. Românico. Séc. XII. A obra-prima da escultura românica narra a História da Salvação com mais de 200 figuras magistrais do arquitecto Mateu. Imprescindível.
- 8

Nave principal. Românica. Séc. XII. Mede 94 m de longitude. Está coberta com abóboda de canhão, a 24 m de altura.

Pórtico da Glória

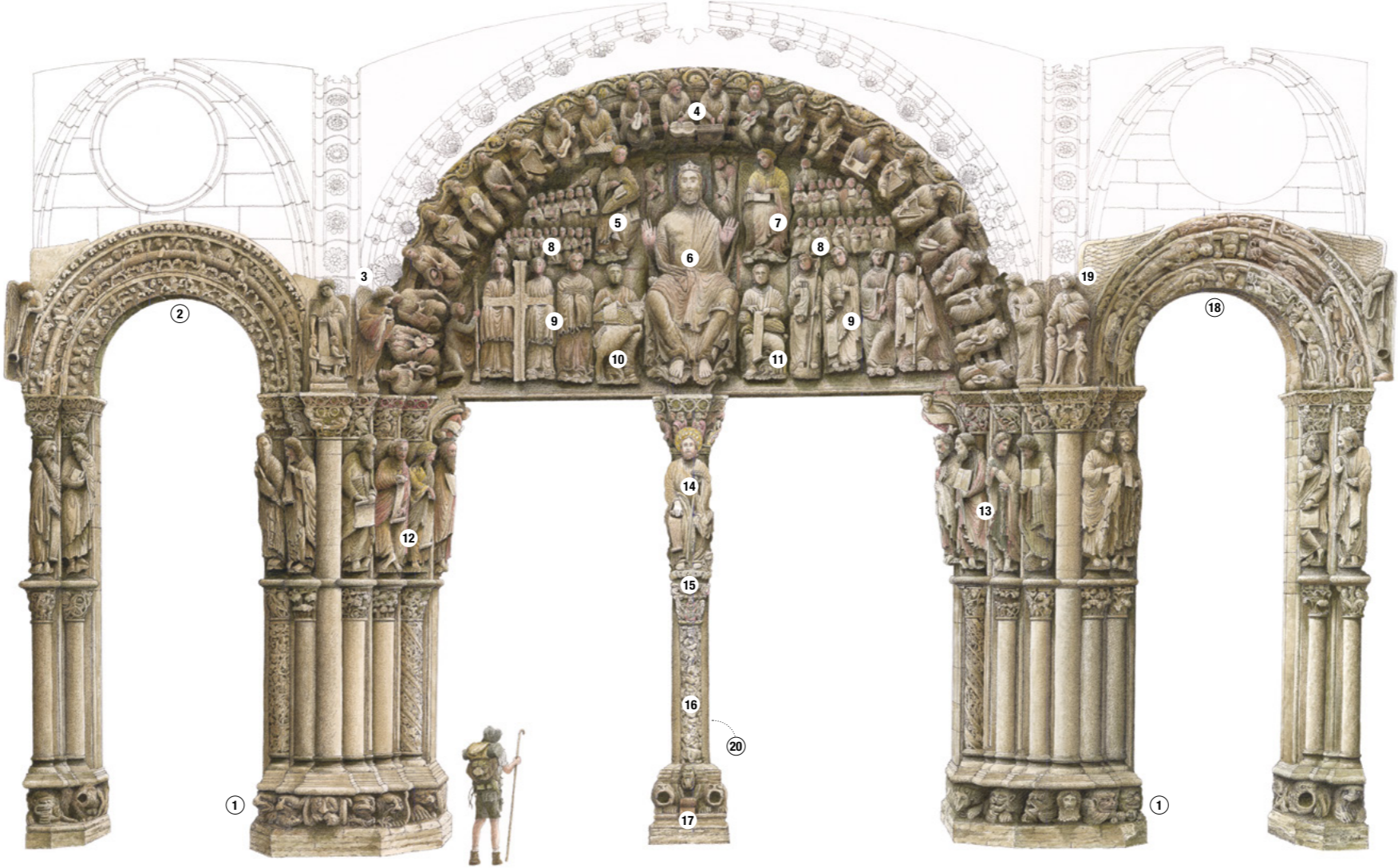
1168 - 1188. Mestre Mateu

O Pórtico da Glória é a obra-prima da escultura românica, com mais de 200 figuras de execução brilhante . Este prodígio da iconografia medieval compõe uma mensagem teológica que os crentes da Idade Média descifravam facilmente, mas sobre o qual hoje em dia só podemos teorizar. Os investigadores sostêm que representa a história da Salvação do Homem e a Ressurreição de Cristo após a Apocalipse. O arco central seria a Glória, presidida por Jesus Ressuscitado; arcada esquerda, o povo de Israel, e a arcada direita o Juízo Final. É certo que a metade esquerda está dedicada ao Antigo Testamento e o da direita ao Novo Testamento, com Santiago no centro para dar passagem aos peregrinos para a Casa de Deus.

Antes de ser tapado pelo telão barroco do Obradoiro, o Pórtico assomava pela face oeste da Catedral e completava o programa iconográfico das outras duas fachadas, a porta da Acebicharia (norte) e a de Pratarías (sul), que representavam respectivamente a Queda no Pecado e a Redenção.

Principais imagens:

- Basamento** com figuras humanas e ani-mais. Poderiam representar as forças do mal ou as antigas idolatrias vencidas pela Igreja.
- Povo judaico**, Limbo dos Justos ou Antigo Testamento. Aparecem Jesus, Adão e Eva, Noé, Abraão, Moisés, David e Salomão, além de Reis e patriarcas do Antigo Testamento.
- Anjos** conduzem os Justos, representados pelas ciranças, desde o Limbo até à Glória.
- Arco central**. Os 24 anciãos da Apocalipse afinando os seus instrumentos.
- O evangelista S. João** com o seu símbolo, a águia.
- Pantocrátor**: Jesus Ressuscitado, rodeado dos Quatro Evangelistas.
- S. Mateus** com um anjo e um ábaco.
- Os Justos**.
- Anjos** com os atributos da Paixão de Cristo: coluna, cruz, coroa de espinhas, pregos e lança, sentença e jarra de água de Pilates, chicote e cartela de INRI.
- O evangelista S. Lucas** com o seu símbo-lo, ou touro alado.
- O evangelista S. Marco** com o seu símbo-lo, o leão.
- Profetas do Velho Testamento**. Da esquerda para a direita, Jeremias, Daniel, Isaías e Moisés. É o famoso sorriso de Daniel, única no mundo medieval.
- Apóstolos do Novo Testamento**. Da es-querda para a direita, Pedro, Paulo, Santiago e João, também a sorrir.



- Santiago sedente**, com cajado de peregrino.
- Capitel da natureza divina de Jesus: **a Trindade**.
- Coluna representando a genealogia de Jesus na chamada **Árvore de Jesé**. O mármore deixa ver as pegadas de milhares de peregrinos.
- Herói mítico, comumente identificado com **Hércules** dominando dois leões.
- Provável representação do **Juízo Final**. Na arquivolta superior, Jesus e na inferior, o arcanjo S. Miguel. à direita, os pecadores presos por demónios (com alegorias dos pe-cados), e à esquerda os Justos, protegidos pelos anjos.
- Os Justos** transportados ao Paraíso por anjos.
- Atrás do mainel, **o mestre Mateu**, autor do Pórtico, ajoelha-se perante o altar.



Recorrido interior

- Capela do Salvador ou Capela do Rei da França**. Românica. Ponto de partida pela construção da catedral em 1075. Retábulo de João de Álava em granito: séc. XVI.
- Capela de Santa Maria a Branca ou dos da Espanha**. Séc. XIII. Gótica. Reformas barrocas.
- Capela de S. João Evangelista ou de Santa Susana**. Românica, modificada nos séc. XVI-XVII.
- Capela de Santa Fé ou de S. Bartolomé**. Românica com motivos platerescos.
- Capela da Conceição ou de Prima**. Séc. XVI. Lugar de enterramento de Domingo de Andrade. Retábulo de Simón Rodríguez.
- Capela da Corticela**. Igreja pré-românica. Séc. IX. Reformada pelo Mestre Mateu no séc. XIII. Unida à Catedral no séc. XVI, conserva o seu carácter de paróquia independente "de peregrinos, estrangeiros e vascos".
- Capela do Espírito Santo**. Gótico. Séc. XIII. Panteão da família Moscoso.
- Capela da Comunhão**. Neoclássico: Miguel Ferro Caaveiro, séc. XVIII. Expõe o Santíssimo Sacramento.
- Capela do Cristo de Burgos**. Barroco: Melchor de Velasco, séc. XVII.
- Pórtico da Glória**. Românico de transição: Mestre Mateu, séc. XII-XIII.
- Panteão Real**. Sepulturas: Fernando II, Alfonso IX, D. Raimundo de Borgonha, Dona Berenguela, Joana de Castro.
- Entrada do Museu Catedralicio**. Fundado em 1930, acolhe a extraordinária história do santuário do Apóstolo. Um só bilhete de entrada dá ccesso ao interior do **claustro** e suas salas, a **Capela das Relíquias**,

o **Panteão Real** e o **Tesouro**. Nas plantas superiores podem contemplar-se a **Biblioteca**, onde se expõe o Botafumeiro; a **Sala Capitular** e a grande coleção de tapeçarias com cartões de Goya e Rubens na balconada.

13 Órgãos de Miguel de Romay e António Alfonsín. Séc. XVIII. Em pleno funcionamento.

14 Claustro gótico-renacentista: Juan de Álava e Rodrigo Gil de Hontañón, séc. XVI. Abóbada estrelada e ornamentos platerescos. Alberga as coleções do museu.

15 Pia baptismal pré-românica. Segundo a tradição, o cavalo de Almanzor bebeu nela (com resultados fatais) durante o ataque à basílica em 997.

16 Lápide de Teodomiro, bispo de Iria no momento da descoberta do Apóstolo. (Séc. IX)

17 Altar-Mor. Conjunto barroco. Baldaquino rococó: Vega e Verdugo e Domingo de Andrade, séc. XVII. Platal: séc. XVII. Estátua de Santiago peregrino que os peregrinos abraçam: séc. XIII. Sob o altar, cripta de origem romana (séc. I) y sepulcro do Apóstolo e seus discípulos: arca de prata do séc. XIX

18 Capela da Virgem do Pilar ou de Monroy. Séc. XVIII. Retábulo de Miguel de Romay. Sepulcro do acebispo Monroy. Bela ornamentação jacobea.

19 Capela de Mondragão ou da Piedade ou da Santa Cruz. Retábulo: séc. XVI.

20 Capela da Açucena, ou de S. Pedro ou de dona Mencia de Andrade ou do Magistral. Românico. Retábulo: Fernando de Casas, séc. XVIII.

21 Porta Santa. Séc. XVI. Abre somente duran-te os Anos Santos. Porta de bronze de Suso León (2004).

O Botafumeiro

O Botafumeiro é um enorme incensário usado desde a Idade Média como instru-mento de purificação da catedral onde se apinhavam multidões. Hoje continua a ser a delícia dos fiéis quando, depois da comunhão, começa o seu assombroso percurso pendular face ao Altar-mor, para subir e quase bater na abóbada do transepto.

Para pô-lo em movimento são precisos 8 ho-mens, 'tiraboleiros', que o trazem da Biblioteca Pesa cerca de 62 kg quando está vazio. Depois de atá-lo à maroma fazem-no oscilar puxando com força e precisão para que alcance, em ape-nas minuto e meio e 17 ciclos de vaivém, os 68 quilómetros por hora. Chega a formar um ângulo de 82 graus sobre a vertical, descrevendo um arco de 65 metros ao longo do transepto.

Breve história

O Botafumeiro já aparece no *Códice Calixtino*, mencionado como *Turibulum Magnum*. No séc. XII era pendurado numas vigas de madeira cru-zadas no zimbório. O mecanismo actual, basea-do num movimento por roldanas, foi concebido durante o Renascimento pelo mestre Celma.

No séc. XV, o rei Luís XI de França pagou o fabri-co de um incensário de prata, mas em 1809 foi roubado pelas tropas napoleónicas acampadas no claustro da Catedral. Na actualidade existem dois incensários: o que se usa é de 1851, é feito em latão banhado em prata e mede 160 centímetros de altura. O segundo é uma réplica do anterior em prata oferecido pelos Alferes Provisórios da Catedral em 1971.

